

## **“Uma família exemplar”: o enquadramento jornalístico de um caso de adoção envolvendo sujeitos LGBTs**

Roberto Alves REIS<sup>1</sup>  
Centro Universitário UNA –BH/MG

### **Resumo**

Este artigo busca discutir como se deu a cobertura jornalística de um processo de guarda de uma criança por um casal homoafetivo em uma cidade da Região Metropolitana de Belo Horizonte, Minas Gerais. Partindo da noção de notícia como construção social e do conceito de enquadramento, o objetivo foi compreender como se materializou esse tema, ainda controverso, nas páginas impressas. Conclui-se que o enquadramento construído privilegia uma noção heteronormativa (e pouco plural) de família.

**Palavras-chave:** cidadania; enquadramento; jornalismo; sujeitos LGBTs; adoção.

Os meios de comunicação tornaram-se, nas atuais sociedades complexas, a instância por excelência da visibilidade. Cabe a mídia desempenhar diversos papéis essenciais aos contextos democráticos, como instrumento de vigilância do poder público, agente de mobilização política e fórum para debates pluralistas. O papel político desse fórum tem enorme peso, não apenas porque “a luta política tem como palco central uma luta simbólica em torno da construção dos acontecimentos e questões” (TRAQUIINA, 1995, p.203), mas também, como destacou Jeffrey Alexander, o conjunto de categorias simbólicas utilizadas pelas instituições comunicativas e seu público para representar um grupo é fato de fundamental importância, “muitas vezes, chega a tornar-se uma questão de vida ou morte” (ALEXANDER, 1998, p.27). Essa luta simbólica, que pode vir a ser fatal para alguns envolvidos, desenrola-se em um campo não-neutro, embora de fundamental importância para a existência desse debate.

as instituições da mídia têm um papel particularmente importante no desenvolvimento da democracia deliberativa. Elas fornecem informações

---

<sup>1</sup> Mestre em Comunicação Social pela UFMG, coordenador do projeto de extensão Una-se contra a homofobia, do Centro Universitário Una; email: robertocomunica@yahoo.com.br

e pontos de vista diferentes para que os indivíduos formem juízos de valor sobre assuntos de seus interesses. (THOMPSON, 2002, p.222).

Uma das disputas que tem se intensificado na sociedade e ocupado o espaço midiático relaciona-se a controvérsias envolvendo o conceito de família. Grupos religiosos têm se mobilizado, com vigor, na defesa de um modelo de família restrito a casais heterossexuais e à rejeição a famílias formadas por indivíduos LGBTs (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais). Essa controvérsia se dá a ver, por exemplo, no site da Câmara dos Deputados, no qual se encontra uma enquete sobre o polêmico projeto de lei, de autoria do deputado Anderson Ferrerira (PR-PE), que cria o Estatuto da Família (PL 6583/13). Foram computados já mais de 10 milhões de votos, que responderam a pergunta colocada pela enquete: “Você concorda com a definição de família como núcleo formado a partir da união entre homem e mulher, prevista no projeto que cria o Estatuto da Família?”. A porcentagem dos que respondem “sim” e “não” oscila com frequência.

A controvérsia sobre a definição sobre o conceito de família ganhou também os meios de comunicação. A atual novela das 21h da Rede Globo de Televisão, “Babilônia”, o beijo entre duas personagens lésbicas, vividas pelas atrizes Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg, ambas de 85 anos, no primeiro capítulo da novela, em março deste ano, provocou a reação da Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional. De acordo com nota de repúdio assinada pelo deputado João Campos (PSDB-GO), presidente da Frente Parlamentar, “a referida novela, assim como outras anteriormente exibidas pela Rede Globo, tem a clara intenção de afrontar os cristãos em suas convicções e princípios, querendo trazer, de forma impositiva, para quase toda a sociedade brasileira, o modismo denominado por eles de ‘outra forma de amar’, contrariando nossos costumes, usos e tradições”. A nota continua afirmando que “essa é a forma encontrada para disseminar a ideologia de gênero, atacando diretamente a família natural e aqueles que eles denominam de ‘conservadores’, pelo simples fato de não coadunarem com essas práticas”. Finaliza chamando os telespectares cristãos a não assistirem a “Babilônia” ou comprarem produtos dos anunciantes da novela.

Por fim, em março deste ano, a ministra do Supremo Tribunal Federal (STF) Cármen Lúcia garantiu a um casal de homens do Paraná o direito a adotar duas crianças, considerando a

união estável homoafetiva equivalente à entidade familiar.<sup>2</sup> Para apoiar sua decisão, a ministra citou a decisão histórica do STF de reconhecer, por unanimidade, em maio de 2011, a união estável entre pessoas do mesmo sexo. Na prática, esses casais passaram a ser considerados uma entidade familiar.<sup>3</sup> As decisões do STF têm sido alvo de críticas de líderes religiosos. O pastor evangélico Silas Malafaia, em audiência pública realizada na Câmara dos Deputados para discutir o Estatuto da Família, criticou as ações do STF favoráveis aos LGBTs afirmando: “O STF não é maior que a Constituição”.<sup>4</sup>

### **Notícia, construção social**

A família, de fato, está em disputa, ou melhor, o conceito do que é família na sociedade brasileira encontra-se no centro de uma controvérsia política envolvendo diferentes atores: movimentos sociais, grupos religiosos, membros do Parlamento e do Judiciário. Como veremos, essa disputa não é nova. No entanto, cada vez mais os meios de comunicação têm participado e contribuído para este debate de diferentes maneiras. Como a mídia, mais especificamente, o jornalismo tem tratado dessas questões? Antes, são necessárias algumas ponderações.

Parte do poder de convencimento do jornalismo deriva da crença da eficaz captura do real. Para muitos leitores e até profissionais da comunicação, os meios apenas relatam, contam, trazem para as páginas ou para as telas aquilo que se passou na realidade. Quando essa transposição não ocorre tal como esperada, existiria aí um jornalismo equivocado (por erro, má-fé ou negligência). Objetividade, neutralidade e imparcialidade aparecem, em manuais de redação, como características fundamentais ao bom jornalismo. Essas características adquiriram, por si próprias, poder de convencimento.

Uma opinião, ao ser bem apresentada, torna-se por isso um argumento? A tradição retórica esteve também diante desta interrogação à qual respondeu muitas vezes afirmativamente. Uma variante do uso do estilo nos dias de hoje é a ‘clareza’ no enunciado de uma opinião. A opinião seria automaticamente convincente por ser clara. Este lugar comum

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/03/ministra-do-stf-autoriza-adocao-por-casal-de-homens-gays-do-parana.html>>. Acesso em: 20 jul. 2015

<sup>3</sup> Em maio de 2013, o Conselho Nacional de Justiça aprovou uma resolução determinando que os cartórios de todos os países convertessem a união estável homoafetiva em casamento civil. A justificativa foi a necessidade de se tornar efetiva a decisão do Supremo Tribunal Federal de 2011.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/06/25/na-camara-malafaia-ataca-decisoes-do-stf-sobre-direitos-de-gays.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

midiático é tão difundido atualmente que se tornou visível que a clareza e a transparência se transformaram apenas em artifícios de apresentação que nos aprisionam na mensagem” (BRETON, 2003, p.52).

Concordamos com Porto na análise de que é empobrecedor avaliar os meios de comunicação como meros transmissores de informações, que seguem apenas normas de objetividade e neutralidade - embora reconheçamos que a visão seja bem difundida.

Qual deveria ser o papel da mídia em um regime democrático? Uma resposta tende a ser dominante entre jornalistas, estudiosos e o público em geral: a mídia deveria fornecer informações para que o público pudesse fazer decisões racionais e consistentes, principalmente durante processo eleitorais. De acordo com esse ponto de vista, a mídia afeta o processo político por transmitir informações de modo objetivo e imparcial (ou, de maneira perversa, manipulando ou distorcendo os fatos). Para servir bem ao processo democrático, é considerado suficiente os jornalistas e outros profissionais da mídia retratarem os fatos de forma neutra ou ‘refletir’ a realidade social e política de modo acurado.” (PORTO, 2001, p.11).<sup>5</sup>

A visão empobrece as análises sobre os meios de comunicação uma vez que, ao pressupor que o jornalismo apenas capta e transmite a realidade tal qual ela se apresenta, a única crítica que se pode fazer recai sobre sua eficiência nesse processo. Não se consideram os aspectos ideológicos, sociais e culturais que orientam e influenciam as notícias, fundamentais para compreender sua constituição. Tomar a informação como dado bruto, mero reflexo da sociedade, é privá-la de seu contexto social – perspectiva praticamente superada pelos atuais estudos na área da comunicação. “‘A notícia’ é o produto-final de um processo complexo que começa com a classificação e a seleção de eventos e tópicos de acordo com um conjunto socialmente construído de categorias” (HALL et al., 2000, p.645)<sup>6</sup>.

Ao se propor apenas relatar os fatos, o jornalismo incumbe-se de uma tarefa impossível, mas que encontra ressonância junto a seu público, constituindo-se em elemento de confiança entre veículo e os indivíduos a quem ele se dirige. “Só a cegueira provocada pela

---

<sup>5</sup> *Do original:* “What should be the role of the media in a democratic regime? One answer tends to be dominant among journalists, scholars and the general public: the media should provide information so that citizens can make consistent and rational decisions, mainly during electoral processes. According to this point of view, the media affect the political process, by transmitting information in an objective and impartial way (or perversely, by manipulating and distorting the facts). To serve the democratic process well, it is allegedly enough for journalists and other media professionals to portray the facts neutrally or to accurately ‘reflect’ political and social reality.”

<sup>6</sup> *Do original:* “‘News’ is the end-product of a complex process which begins with a systematic sorting and selecting of events and topics according to a socially constructed set of categories.”

ideologia jornalística pode explicar que alguns jornalistas insistam em pretender que o seu trabalho se limita à identificação dos factos e à simples recolha e transmissão de ‘relatos’.” (TRAQUINA, 1995, p.213). Castro aprofunda a problematização ao indicar que a própria técnica jornalística impede a tarefa e tende a desnudá-la.

Por se apresentar, no âmbito da produção comunicativa, como um discurso meramente fatural, o jornalismo pretende ser avaliado apenas em termos de adequação ou não aos fatos relatados, ou ainda da veracidade ou falsidade de seus enunciados. Ou seja, pretende operar com uma modalidade discursiva que apagaria as condições de sua produção, as condições de emergência de seus enunciados, apagamento que estaria na origem das estratégias de legitimidade e de credibilidade do próprio discurso. Ao mesmo tempo, por se apresentar como um discurso relatado – um discurso que remete a fatos ocorridos e a locutores competentes para julgá-los e avaliá-los –, sua produção só é possível se contiver, para além das suas dimensões constatativas, o ponto de vista do enunciador(...). É portanto, no paradoxo, entre a exigência de apagamento das condições de seu aparecimento e a emergência contingente de tais condições para que se produza como ‘discurso dotado de sentido’, que o jornalismo se realiza...” (CASTRO, 1997, p. 213).

Para a autora, mesmo que o discurso jornalístico tenha sua origem na proximidade com os fatos, “o que o definiria como uma das modalidades do discurso ‘realista’”, isso não redundaria em dizer que ele trabalha com a verdade em si (CASTRO, 1997, p.214). Arriscamos sugerir que o jornalismo tende a trabalhar com versões decorrentes de enquadramentos, que podem ser mais plurais ou mais restritos, favorecendo certos grupos em detrimento de outros, dando visibilidade a determinados temas, questões e posicionamentos enquanto deixa de fora outros. “Aplicado nos estudos das notícias, o ‘enquadramento’ é um dispositivo interpretativo que estabelece os princípios de seleção e os códigos de ênfase na elaboração da notícia, na construção da ‘estória’ (TRAQUINA, 1995, p.202).

### **Enquadramentos**

De início, pode-se entender “enquadramento” como um recorte da realidade promovido pelos jornais, mas a idéia inclui também critérios de organização e hierarquização dos vários elementos que constituem a notícia (por exemplo, enfoque, tema, título, *lead*, falas dos entrevistados, ...).

Por selecionar aspectos da realidade e fazendo-os mais salientes nas mensagens midiáticas, os comunicadores promovem padrões específicos

de interpretação. Assim, a noção de enquadramento vai além da informação e foca em vez disso em como interpretações específicas são promovidas por padrões de seleção e saliência” (PORTO, 2001,p.130)<sup>7</sup>.

Enquadramentos são geralmente implícitos e tanto os jornalistas quanto o público não se dão conta de que são construções sociais. Na verdade, os enquadramentos tendem a ser vistos como “atributos naturais das ocorrências que o jornalista se limita a transmitir”. (TRAQUINA, 1995, p.202). Porto (2001,p.44) ressalta que os fatos, tomados por eles mesmos, não têm um significado claro, o que não autoriza dizer que tanto eles quanto a “realidade” são irrelevantes. O autor acentua a importância dos enquadramentos promovidos pelos meios de comunicação para a resolução de disputas políticas. “Os quadros interpretativos apresentados pela mídia oferecem aos cidadãos pistas que promovem interpretações específicas de eventos e assuntos políticos e evocam histórias específicas” (PORTO, 2001, p.142)<sup>8</sup>. Gamson utiliza a metáfora de uma floresta repleta de sinalizações para quem ali se aventurar.

Pense em cada tema como uma floresta através da qual as pessoas devem encontrar seu caminho. Essas não são, é claro, florestas virgens. Os vários enquadramentos no discurso da mídia fornecem mapas que indicam pontos úteis de entrada e placas de sinalização nas várias encruzilhadas, destacam pontos de referência e advertem sobre os perigos de outros trajetos. Entretanto, muitas pessoas não se atêm aos caminhos indicados, perdendo-se freqüentemente e seguindo seus próprios passos. (GAMSON, 1992, p.117)<sup>9</sup>.

Explorar o enquadramento subjacente a matérias jornalísticas não nos autoriza a dizer como elas serão assimiladas pelos receptores. Entretanto, descartamos qualquer relação de causalidade direta da mídia sobre os receptores. É preciso estar ciente do papel ativo da recepção, como comprovam diversos estudos na área dos *media*.

---

<sup>7</sup> Do original: “By selecting aspects of a reality and making them more salient in media messages, communicators promote specific patterns of interpretation. Thus, the notion of framing goes beyond information and focuses instead on how specific interpretations are promoted by these patterns of selection and salience”.

<sup>8</sup> Do original: “The main assumption of the model is that interpretative frames presented by the media offer citizens simple cues that promote specific interpretations of political events and issues and evoke specific stories”.

<sup>9</sup> Do original: “Think of each issue as a forest through which people must find their way. These are not, of course, virgin forests. The various frames in media discourse provide maps indicating useful points of entry, provide signposts at various crossroads, highlight the significant landmarks, and warn of the perils of other paths. However, many people do not stick to the pathways provided, frequently wandering off and making paths of their own.”

## Vínculos de sangue X vínculos de afeto

É importante ressaltar que as discussões sobre o conceito de família, sobretudo considerando a realidade das famílias LGBTs no Brasil, não são novas. No dia 22 de outubro de 2001, o juiz Marcos Henrique Caldeira Brant, da Vara Criminal e de Menores da Comarca de Santa Luzia, na Região Metropolitana de Belo Horizonte (Minas Gerais), concedeu a guarda de uma menina de, na época, dois anos e oito meses ao casal formado por Jarbas Santarelli Porto, transexual, conhecido como Loirinho, e a José Carlos Dias, conhecido como Índio, pai biológico da criança. O caráter inédito do evento vem de ter sido concedido a um casal assumidamente LGBT o direito de criar e cuidar de uma criança. Embora não tenha sido um processo de adoção, o fato abre precedente para pedidos de adoção formais por parte de casais homossexuais. Foi coberto pela mídia local com repercussões em jornais nacionais.

A discussão sobre família pode ser vista pelo par antinômico vínculos de afeto-vínculos de sangue. As novas noções de família tendem a dar ênfase no primeiro elemento desse par; uma visão tradicional de família apóia-se na segunda.

A sugestão de que a procriação mantém-se no cerne das uniões heterossexuais apresenta-se como uma visão bastante conservadora, conforme podemos inferir de Almeida Neto.

A dissociação entre sexualidade, reprodução e conjugalidade está tendo como uma de suas conseqüências mais importantes a construção de representações e práticas sociais em que a função primeira da família deixa de ser a garantia da reprodução da espécie, *strictu sensu*, haja vista que a possibilidade de reprodução biológica fora dos contextos da conjugalidade e mesmo da sexualidade vem assumindo uma visibilidade e uma aceitação social crescentes, a exemplo da gravidez na adolescência e da maternidade/paternidade solteiras e da gravidez resultante de inseminação artificial. Como nova função precípua da família, afirma-se, então, não a reprodução biológica, mas a viabilização da sobrevivência material e psíquica dos seres humanos (ALMEIDA NETO, 1999, p.106-107).

Alterações na estrutura familiar e a respectiva pluralidade de configurações apresentam-se como desafio para o conjunto da sociedade e, em especial, para aqueles que as vivenciam no dia-a-dia, os mais interessados em encontrar possíveis caminhos para esses novos

arranjos familiares. Os entendimentos ocorrem nas situações “reais”, “na prática” ou, melhor dizendo, nas decisões tomadas pelas pessoas em seu contexto cotidiano.

Muitas pessoas, adultos e crianças, vivem hoje em famílias ‘de adoção’ – em geral não, como em épocas anteriores, em consequência da morte de um dos cônjuges, mas por causa da reorganização de laços familiares após o divórcio. Uma criança numa família ‘de adoção’ pode ter duas mães e dois pais, dois conjuntos de irmãos e irmãs, além de outras relações complexas de parentesco resultantes dos múltiplos casamentos dos pais. Até a terminologia é difícil: deveria a madrasta ser chamada de ‘mãe’ pela criança, ou por seu nome próprio? Negociar tais problemas pode ser árduo e psicologicamente custoso para as partes; mas também existe a oportunidade de novos tipos de relações sociais recompensantes. Podemos no entanto estar certos de que as mudanças envolvidas não são simplesmente exteriores ao indivíduo. Essas novas formas de laços de família devem ser desenvolvidas pelas próprias pessoas que se encontram diretamente aprisionadas nelas. (GIDDENS, 2002, p.19).

Amor, afeto e dedicação ganham destaque nas duas matérias que o *Estado de Minas* lançou logo após Índio e Loirinho conseguirem a guarda de Yasmin, a primeira no dia 23 de outubro de 2001, um dia após a decisão do juiz, e a segunda no dia 24. O raciocínio aparece no enquadramento promovido pelo jornal, reforçado pela falas de especialistas, vizinhos e colegas.

“Vitória do afeto” é o núcleo ao redor do qual se constrói o enquadramento das reportagens do *Estado de Minas*. A frase da assistente social judicial que acompanhou de perto o processo de guarda foi o mote das matérias: “A vitória é do afeto e não do comportamento sexual”<sup>10</sup>. Já nesse primeiro dia, a sentença ganha destaque em um “olho” encimado por uma foto da assistente social. No dia seguinte, 24 de outubro, trecho da frase vira o título da reportagem de uma página e meia<sup>11</sup>. Essa matéria traz uma grande foto da mãe biológica da criança abraçando Índio e Loirinho. Também nesse dia, a fala da assistente social vai para *Frases do Dia*, entre outras duas, localizada na seção *Opinião*.

O jornal *Estado de Minas* se vale de vários depoimentos para reforçar a aceitação da família de Santa Luzia. A aprovação de vizinhos, amigos e comunidade corresponde ao respaldo social para a família, como se dessem credibilidade às descrições do jornal. Assim, para a

---

<sup>10</sup> WERNECK, Gustavo. Paternidade gay. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 out. 2001, Caderno Geraes, p. 23.

<sup>11</sup> WERNECK, Gustavo. Vitória do afeto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 out. 2001, Caderno Geraes, p. 25-26.



assistente social judicial que acompanhou o caso, “foi uma decisão acertada, corajosa e meticulosa, pois a criança está sendo muito bem tratada. Tem tudo de bom e do melhor”<sup>12</sup>. A babá Antônia Cláudia vê a casa de Loirinho e Índio como “um lar de verdade” e “diz que nunca viu tanta atenção para uma criança”<sup>13</sup>.

Depoimentos sobre a boa inserção da família no seu contexto aparecem na primeira matéria, do dia 23 de outubro de 2001, e, com maior intensidade, na suíte do dia 24 de outubro, em que a novamente a babá, uma vizinha, uma agente de saúde e um pediatra elogiam a decisão do juiz. De acordo com a babá, “é bom lembrar que a família é muito querida na comunidade, está sempre pronta a ajudar na hora do aperto”.<sup>14</sup> O intertítulo “Lar” (o próprio termo indicando que ali vive uma família como todas as outras) procura mostrar como Yasmin não enfrenta rejeições no lugar em que vive, conforme fala da vizinha Maria José Ávila Marques. “A minha netinha Fernanda Stefany sempre brinca com a menina do Índio e Loirinho. São ótimos vizinhos, não temos qualquer problema. Eu não tenho o menor preconceito. É um lar muito sadio”.<sup>15</sup>

No entanto, em alguns momentos, percebe-se um exagero nessa busca pela aceitação. A retranca “Cuidado e atenção formam família feliz”, do *Estado de Minas* de 23 de outubro de 2001, que apresenta Índio, Loirinho e a criança para os leitores do jornal, tenta fazer um retrato favorável da família, integrando-a a uma visão mais geral do que seria uma “família feliz”. Na acepção presente na matéria jornalística, tal família feliz teria as seguintes características:

- (1) Papéis masculinos e femininos bem delimitados. Loirinho trabalha fora, mas cuida também dos afazeres de casa. O companheiro faz trabalhos braçais. “Índio capina o quintal, suando em bicas sob o sol da tarde”.

---

<sup>12</sup> WERNECK, Gustavo. Paternidade gay. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 out. 2001, Caderno Geraes, p. 23.

<sup>13</sup> WERNECK, Gustavo. Paternidade gay. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 23 out. 2001, Caderno Geraes, p. 23.

<sup>14</sup> WERNECK, Gustavo. Vitória do afeto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 out. 2001, Caderno Geraes, p. 25-26.

<sup>15</sup> WERNECK, Gustavo. Vitória do afeto. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 24 out. 2001, Caderno Geraes, p. 25-26.

- (2) Religiosidade. Ambos são religiosos. Para Loirinho, a menina foi um presente de Deus, que chegou quando tinha 33 anos, “a chamada idade de Cristo”, como define, e tanto Loirinho quanto Índio acreditam que o “futuro a Deus pertence”.
- (3) Higiene. São recorrentes as palavras que remetem à limpeza. O ambiente da casa é caracterizado como “imaculadamente limpo, organizado”. A menina não deixa que ninguém chegue perto “da sua cama, dos bichos de pelúcia, do cortinado contra pernilongos”. Índio, durante a reportagem, capina/limpa o quintal, “suando em bicas”, mas, antes de abraçar a filha, “toma um banho caprichado”. E a matéria ressalta: “Os cuidados vão muito além da água, do sabonete, dos brinquedos”.

Na suíte do dia 24 de outubro, aparecem em destaque depoimentos de uma agente de saúde e de um pediatra que reforçam essa idéia. Para o pediatra, “Loirinho tem um grande instinto maternal. A sua relação com a criança é de muito amor, a menina está sempre bem vestida. O importante é que há uma grande preocupação com a saúde da menina, existe um controle regular. A menina está dentro do peso e não tem o menor sinal de desajuste. É tranqüila”. A agente de saúde também realça as qualidades do lar. “É impressionante como eles cuidam bem da casa. Sei disso porque sou a agente comunitária de saúde responsável por essa área de Santa Luzia. Eu nunca preciso voltar à casa deles depois de uma visita, porque eles entendem tudo direito e cumprem as determinações. A menina é muito bem olhada, foi uma decisão acertada”.

No corpo principal da matéria, informa-se que a mãe biológica da criança era alcoólatra por meio da fala da própria mulher. Em um *box* à direita (“Uma história feita de muita luta”), o jornal reconstitui toda a situação. No segundo tópico, lemos: “Logo após o parto, a mulher, que era alcoólatra, entregou a criança para Loirinho e Índio, pedindo que os dois criassem o bebê”. Ressaltar o problema de alcoolismo da mãe biológica tende, por contraste, a enfatizar o aspecto límpido, “sóbrio”, da vida familiar de Loirinho e Índio.

A recorrência com que comparecem as palavras que remetem à limpeza daquele lar traz uma mensagem implícita de que, em geral, acredita-se que higiene não é algo muito valorizado por determinados grupos sociais, no caso, casais homossexuais. Essa

imaginada falta de higiene tende mais para a idéia de promiscuidade – o que remete ao próximo tópico.

- (4) Assepsia. A limpeza da casa encontra correspondência na natureza quase assexuada da vida familiar retratada. À sentença “os cuidados vão muito além da água, do sabonete, dos brinquedos” segue uma declaração de Loirinho: “Não troco de roupa na frente da menina”. Na mesma declaração, afirma: “É uma situação muito séria, sou o espelho dela, o reflexo de suas ações. Estamos formando uma família muito feliz. Sempre uso um short por baixo do vestido, para que ela não encoste no meu sexo”. Em outro momento, fica-se sabendo por Loirinho que “intimidades e carícias” não fazem parte do seu dia-a-dia com Índio, “só mesmo entre quatro paredes”.
- (5) Renúncia de um circuito comercial LGBT em favor da família. “Deixei de sair à noite, de ir a festas ou fazer shows como transformista. Hoje só vou mesmo onde posso levar a minha filha”, conta Loirinho.

Em certas passagens, a construção do jornal adquire um sentido quase apelativo - interessado em passar a imagem de uma família em perfeita harmonia que traz fortes apelos emocionais: “‘Ela tem muito ciúme de suas coisas’, diz Loirinho, abrindo os braços para a menina que corre em sua direção.” ou ainda “Logo depois, os três se abraçam e Lorinho não consegue conter as lágrimas, certo de que prevaleceram o afeto, o respeito e responsabilidade”.

De fato, determinados trechos indicam que ali a reportagem *Estado de Minas* não fala de uma família comum, mas de uma família exemplar, espécie de modelo de bom comportamento. Quando, em 2002, o juiz Marcos Henrique Caldeira Brant recebe o Prêmio Triângulo Rosa, instituído pelo Grupo Gay da Bahia, por sua atuação no caso, o jornal lembra o episódio: “A história, que foi mostrada com exclusividade pelo EM, apresentou depoimentos de vizinhos, médicos e pessoas muito próximas a Loirinho e Índio que atestaram as *condições exemplares* em que vive a menina”<sup>16</sup> (grifo nosso).

---

<sup>16</sup> WERNECK, Gustavo. Juiz mineiro ganha o troféu. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 4 abr. 2002, Caderno Geraes, p. 20.

## Considerações finais

A construção da “família exemplar” retratada pelo *Estado de Minas* tende a reforçar a idéia de que todas as famílias são iguais (ou devem ser) – em seus papéis de gênero bem separados, em sua religiosidade, no seu dia-a-dia. É uma constatação que leva em consideração a norma – aquele modelo familiar que se impõe como o correto e, principalmente, como o único aceitável (mesmo que, no cotidiano, ele venha sendo continuamente desmontado). Enfim, o enquadramento do jornal segue uma perspectiva heteronormativa, ou seja, toma aquilo que se entende como relacionamento/comportamento heterossexuais como a norma a ser seguida.

É certo que, no Brasil, existe um grau de tolerância social para com personalidades que se adaptam a um modelo tradicional de feminino, conseguindo, desse modo, uma dúbia inserção social. “Costureiros de grifes, cabeleireiros da moda e travestis famosos que se têm conformado às idéias normativas do feminino conseguem cavar um nicho protegido entre a elite, desde que aparentem reforçar as representações tradicionais do feminino ou do efeminado.” (GREEN, 2000,p.104). Mas assimilação e tolerância não querem dizer respeito.

Cabe a pergunta: famílias formadas por sujeitos LGBTs devem ser exemplares? A norma deve ser sempre a heterossexual? Considerando os novos arranjos familiares, cabe ainda falar em uma norma, um modelo? Essas perguntas ainda mantêm sua relevância em um momento em que se discute no Brasil um projeto como o do Estatuto da Família. Como espaço privilegiado para esse debate, a mídia traduz as contradições do próprio país.

## Referências

ALEXANDER, J. Ação coletiva, cultura e sociedade civil: Secularização, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 13, n.º 37, p.5-31, junho de 1998,.

ALMEIDA NETO, Luiz Mello de. *Família no Brasil dos anos 90: um estudo sobre a construção social da conjugalidade homossexual*. Tese (Doutorado em Sociologia) Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília – Distrito Federal, 1999.

BRETON, Philippe. *A argumentação na comunicação*. Bauru: Edusc, 2003.

CASTRO, Maria Céres P. S. *Na tessitura da cena, a vida: comunicação, sociabilidade e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

GAMSON, William A. *Talking Politics*. Cambridge: University Press, 1992.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GREEN, James N. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

HALL, S. et al. The social production of news. In: MARRIS, Paul; THORNHAM, Sue (eds.). *Media studies: a reader*. New York: New York University Press, 2000, p. 645-652.

PORTO, Mauro P. *Media Framing and Citizen Competence: Television and Audiences' Interpretations of Politics in Brazil*. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade da Califórnia, San Diego, 2001.

TRAQUINA, Nelson. O paradigma do “Agenda Setting”: redescoberta do poder do jornalismo. *Revista de Comunicação e Linguagens – Comunicação e Política*. Lisboa: Edições Cosmos, v.21-22, p.189-221, dez. 1995.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.